

# Hospital da UnB socorre doentes da rede pública

O 5 FEVEREIRO 1994 JORNAL DE BRASÍLIA

A saída para muitos brasilienses que precisam dos serviços de hospitais públicos tem sido enfrentar longas filas no Hospital Universitário de Brasília (HUB), que destaca-se dentro da rede hospitalar pública por ainda ter estoque de medicamentos básicos. Glória Maria Araújo, que está respondendo pela direção geral do HUB, afirma que a procura aumentou muito em janeiro. "Antes não tínhamos essas filas", disse. Apenas na quinta-feira, o hospital recebeu 250 pacientes para triagem, ou seja, pacientes novos. "Nesse ritmo não vamos muito longe", preocupa-se Glória Araújo.

Com o atraso na liberação dos recursos para cobrir as faturas de dezembro último e do orçamento de 1994 para a saúde, que ainda trami-

ta no Congresso Nacional, falta material básico para atendimento em vários hospitais, como o de Base (HBDF). Glória Araújo diz que não pode afirmar que esse seja o motivo da grande procura ao HUB porque não conhece os problemas dos outros hospitais. "Sei que damos um atendimento de qualidade a todos que nos procuram", afirma.

No entanto, ela tem certeza de que quando as outras unidades hospitalares voltarem à normalidade, o Hospital Universitário retorne a sua rotina. Segundo Glória Araújo, grande parte dos pacientes do HUB é morador de Ceilândia e Samambaia "porque os hospitais destas cidades não estão dando o retorno que necessitam".

O funcionário público José Simeão Neto, que aguardava na fila para ser atendido, ontem, contou

que mora em Ceilândia, mas não procurou o hospital da cidade porque lá não há remédios e vagas. "Aqui é mais organizado", disse. Já Maria Francisca dos Santos, que também estava na fila, reclamava que agora tem que esperar muito para marcar consulta. "Os médicos aqui são excelentes, mas o atendimento ano passado era muito melhor", afirmou.

"Diante dos problemas de verbas, o segredo para ainda termos estoque de medicamentos é a boa administração", disse Glória Araújo. O diretor administrativo do HUB, Antonio Wilson Botelho, conta que há quatro anos não há nenhuma empresa prestando serviços ao hospital. "Com a contratação direta de mão-de-obra para limpeza e nutrição, por exemplo, podemos economizar", explica.